

programa de redução do comportamento agressivo entre estudantes. Rio de Janeiro: ABRAPIA. 2003.

SILVA, Rosane Leal da, NICHEL, Andressa, LEHMANN, MARTINS, Anna Clara e BORCHARDT, Carlise Kolbe. In: **Discursos de ódio em redes sociais: jurisprudência brasileira.** Revista Direito GV, São Paulo. 7(2) | p. 445-468 | jul-dez 2011

A RESISTÊNCIA NEGRA CONTRA A ESCRAVIDÃO NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: POSSIBILIDADES DE ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DE “CUMBE” E “ANGOLA JANGA: UMA HISTÓRIA DE PALMARES”, DE MARCELO D’SALETE.

Cícero Soares Varela
URCA/PROFHISTÓRIA
cs.varela77@gmail.com

RESUMO

Este artigo, parte de uma pesquisa em andamento no programa do ProfHistória–URCA, objetiva apresentar perspectivas de ensino de História, a partir das HQs *Cumbe* (2018) e *Angola Janga: uma história de Palmares* (2017), de Marcelo D’Saletete. Assim, partindo da análise das HQs, seguida de breve estudo bibliográfico, trata-se de estabelecer pontos que permitem abordar a temática da resistência negra contra a escravidão, em sala de aula. Na perspectiva teórico-metodológica, visando explorar a relação História em Quadrinhos e História, a narrativa gráfica foi compreendida através dos elementos propostos por alguns autores como Vilela e Vergueiro (2006) para refletir sobre o seu uso didático. Para efeito de discussão, o artigo está dividido em duas seções. Na primeira, realizou-se a contextualização da escravidão na América portuguesa, destacando-se a resistência negra. Na segunda, procurou-se estabelecer a compreensão das HQs a partir do arcabouço teórico da Aprendizagem Histórica (RÜSEN, 2012).

Palavras-chave: Ensino de História; Aprendizagem Histórica; Resistência Negra; Escravidão; História em Quadrinhos.

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte de uma pesquisa de mestrado (em andamento) que tem como objetivo investigar a relação entre aprendizagem histórica e Histórias em Quadrinhos (HQs), percebendo os mesmos como arrimos da memória social e da produção cultural, e ainda, operando uma reflexão sobre as experiências do tempo e a competência narrativa no ensino de História.

Nesse texto, buscaremos apresentar perspectivas de ensino de História, a partir das HQs *Cumbe* (2018) e *Angola Janga: uma história de Palmares* (2017), de Marcelo D'Saete. Bem como, acompanhado de um breve estudo bibliográfico, estabelecer pontos que permitem abordar a temática da resistência negra contra a escravidão, em sala de aula, mobilizando conhecimento histórico por meio da aprendizagem histórica com HQs.

As perspectivas dessa abordagem foram produzidas a partir das leituras na disciplina Seminário de Pesquisa e da orientação da Prof^a Paula Cristiane de Lyra Santos e fazem parte do projeto de pesquisa “Histórias em quadrinhos e experiências do tempo: competência narrativa e aprendizagem histórica a partir das HQs “*Angola Janga: uma história de Palmares* (2017)” e “*O melhor que podíamos fazer* (2017)” de Thi Bui -, vinculada à linha Linguagens e Narrativas Históricas: Produção e Difusão.

Nos últimos anos, as HQs como artefatos da cultura história têm se ocupado cada vez mais em levantar temas históricos com propostas relacionadas ao ensino e aprendizado histórico. Assim, podemos compreendê-las como um aspecto decorrente da História Pública, e, portanto, representações veiculadas pela mídia, nos remetendo as funções do conhecimento histórico na vida cotidiana. Por isso, uma ferramenta e/ou fonte histórica para o ensino de História.

Inicialmente, entendemos que a ambiência escolar é por primazia um espaço da experiência social, em que a cultura se evidencia, englobando a cultura juvenil e os artefatos da cultura histórica, tais como livros, filmes, séries televisivas, novelas, *sites*, redes sociais, fotografias, e em especial para este estudo, as histórias em quadrinhos, (RÜSEN, 2007) por possibilitarem a compreensão sobre as experiências temporais através da linguagem gráfico-visual.

Em termos de classificação, de maneira bastante *ad hoc*, considerando em nossa labuta as HQs cujo enredo apresenta uma representação do passado ou um enredo em algum lugar do passado, catalogamos as narrativas gráficas em: 1) ficção inserida em realidade histórica (ficção-histórica); 2) memórias gráficas; 3) biografias em quadrinhos; 4) *comics* ou de super-heróis e 5) narrativas históricas gráficas (FRONZA, 2007; 2012).

Todas elas, à sua maneira, procuram dar sentido ao passado, algumas, pelo trabalho com fontes históricas, aproximam-se do trabalho dos historiadores.

A respeito da resistência negra contra a escravidão, encontramos várias histórias em quadrinhos, desde narrativas gráficas voltadas ao público infantil, como *Resistência e coragem: a história de Zumbi dos Palmares* (2009), de Antonio Cedaz; *O Quilombo Orum Aiê* (2010), de André Diniz, até *Cumbe* (2018) e *Angola Janga* (2017), de Marcelo D'Saete, frutos de 10 anos de pesquisa sobre o Palmares. Além de *Zumbi dos Palmares* (1955), escrita por Clóvis Moura e desenhada por Álvaro Moya, uma das primeiras sobre a temática.

Essas artes sequenciais, ao seu modo, compreendem com seus roteiros e ilustrações, interpretações sobre a experiência do tempo e a temporalidade, tanto de seus artistas como as experiências e expectativas dos sujeitos presentes na narrativa gráfica. Por sua vez, a construção dessas narrativas ocorre de diversas concepções, científico ou não científico, e algumas até assemelhando-se à prática historiográfica.

Para efeito de discussão, o artigo está dividido em duas seções. Na primeira, realizou-se a contextualização da escravidão na América portuguesa, destacando-se a resistência negra. Na segunda, procurou-se estabelecer a compreensão das HQs, a partir do arcabouço teórico da Aprendizagem Histórica (RÜSEN, 2012), com o objetivo de oferecer uma compreensão do passado histórico através das narrativas gráficas.

ESCRavidÃO E RESISTÊNCIA NA AMÉRICA PORTUGUESA

A experiência temporal da escravidão na América portuguesa penetrou em todos os aspectos da sociedade durante os mais de três séculos em que vigorou a instituição escravocrata. Essa forma de subordinação e exploração movimentou um conjunto econômico e social geograficamente vasto. Desse modo, o trabalho escravo estava presente na mineração, no *plantation*, agricultura de subsistência, pecuária, em ofícios manuais e nos serviços domésticos.

Como aponta Santos (2010),

A associação do escravismo com a produção açucareira, e deste com a existência de população negra nas regiões tem sido motivo de um erro conceitual na história brasileira. Num exame amplo do escravismo no Brasil vemos que em muitos estados a atividade econômica escravista esteve ligada a outras culturas que não a da cana, como a do cacau, algodão e coco (sobretudo a fibra de coco). Ou então as atividades da pesca, da navegação, das atividades urbanas e a mineração.

Entretanto, o funcionamento e a dinâmica da escravidão praticada pelas nações europeias em seus impérios coloniais na América, não ficou restrito apenas ao sistema econômico. Ela delineou hábitos, padrões e condutas. Urdiu sentimentos, valores e ritos de obediência e subordinação. Além disso, estabeleceu desigualdade sociais e raciais – visto que a escravidão praticada neste período possuía uma base racial indiscutível, e a cor negra foi paulatinamente vinculada ao trabalho escravo.

Esse fato fica evidente nas narrativas presentes nas aulas de histórias e nos livros didáticos. Enquanto indivíduo, o negro é sempre retratado no coletivo e raramente como sujeito. Ao mesmo tempo que, como escravo, são compreendidos como mera mercadoria, objeto e mão de obra do regime escravista de produção. Desse modo, a presença negra no ensino de história é marcada pela desumanização e estigma, uma vez que, “a negação da visibilidade do escravizado acha-se sedimentada numa visão tradicional acerca da escravidão negra no Brasil que reduzia a participação do negro na história do nosso país à condição de mão de obra, ou ainda do “não-ser” (MARÇAL, 2009).

Dessa forma, as narrativas ainda reproduzem o discurso historiográfico presente nos livros didáticos dos anos de 1980². Nessas abordagens,

O negro foi frequentemente associado na historiografia brasileira à condição social do escravo. A menção ao primeiro remete-se quase automaticamente à imagem do segundo. Negro e escravo foram vocábulos que assumiram conotações intercambiáveis, pois o primeiro equivalia a indivíduos sem autonomia e liberdade e o segundo correspondia – especialmente a partir do século XVIII – a indivíduo de cor. Para a historiografia tradicional, este binômio (negro-escravo) significa um ser economicamente ativo, mas submetido ao sistema escravista, no qual as possibilidades de tornar-se sujeito histórico, tanto no sentido coletivo como particular do termo, foram quase nulas (CORRÊA, 2000, p. 87).

Contudo, é principalmente a partir da década de 1980 que se verificam grandes inovações na historiografia sobre a escravidão no Brasil. A ampliação e multiplicidade de fontes e de temas abordados possibilitaram refletir sobre as histórias de vida de personagens e de famílias escravizadas. Como aponta Chalhoub e Silva, nessas pesquisas

² PINTO, Regina Pahim. *A representação do negro em livros didáticos de leitura. Cadernos de Pesquisa*, nº 63. Novembro de 1987. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1280/1281>>. Acesso em: 20 Jul. 2019.

“articulavam-se maneiras de inquirir as experiências dos próprios escravos, entender o sentido que eles mesmos conferiam aos seus labores e lutas cotidianas, resgatá-los enfim da enorme condescendência da posteridade” (2009, p. 22).

É importante ressaltar que muitas dessas pesquisas dissertam sobre diversos aspectos relacionados a experiência temporal dos escravos sem ignorar a opressão e a violência como características essenciais do período. Por sua vez, essas abordagens reivindicavam novas problematizações de pesquisa e a análise de outros tipos de fontes históricas “num contexto em que a violência das relações escravistas era ponto de partida da análise, e não modo de arrestar a investigação no momento mesmo em que devia iniciar-se” (CHALHOUB; SILVA, 2009, p. 22).

No âmbito escolar, a institucionalização da Lei 10.693/2003 viabilizou debates, conversas e novas narrativas em sala de aula a respeito dos negros. Esse instrumento legal, tornou possível que a resistência negra contra a escravidão explícitas, como as fugas e os quilombos, e as implícitas, negociações, experiências e expectativas de vida, fizessem parte do ensino de História. Sem, contudo, adjetivar a escravidão na América portuguesa como brando, harmonioso, consensual e benevolente presente em *Casa Grande e Senzala*, publicado nos anos 1930. Tampouco como “algo bom”, porque os escravos não eram tão miseráveis e nem tão agredidos e ultrajados, visto que havia uma espécie de “igualdade”, sendo que senhores e escravos trabalhavam juntos e tinham a mesma qualidade de vida.

No que tange à resistência negra contra escravidão, as primeiras manifestações aconteceram, ainda na África, “no momento em que os negros e negras eram capturados, amarrados e amontoados em armazéns, à espera dos navios que os trariam para o Novo Mundo” (LEITE, 2017, p. 67). Nos dias em que permaneciam enclausurados, entre o carregamento completo e o início da travessia pelo Atlântico, os africanos

não permaneciam quietos, resistiam de todos os modos possíveis, sendo mais comum a rebelião. Há registros de rebeliões na ilha de São Tomé; e também a bordo dos navios negreiros irromperam revoltas nas quais, os escravos matavam marinheiros e europeus, jogava-os nas águas salgadas do Atlântico e tomavam o comando dos navios. [...]. E quando resistir se tornava impossível, restava-lhes aguentar as condições desumanas da viagem que, muitas vezes causavam-lhes a morte (LEITE, 2017, p. 67).

No ensino de História, as narrativas apontam para distintas formas de contendas contra o trabalho escravo e ao sistema colonial. A resistência não se restringia à rebelião, à fuga e à formação de quilombos, apesar de serem os maiores símbolos da resistência negra na América portuguesa e durante o Império. Afinal, os quilombos simbolizavam e

representavam o fim das agressões físicas, do trabalho compulsório, da submissão ao senhor de escravos. Bem como, a construção e manutenção das identidades culturais.

Há documentos e estudos indicando casos de envenenamentos dos senhores por cativos domésticos, criação de redes de solidariedade, abortos, *banzo* e suicídios. Criaram, ainda, situações e condições sociais específicas como as relações de amizade, solidariedade, amor, da mesma maneira que desenvolveram diversas resistências culturais. Sobre as formas de resistência, Reis e Silva (1989) assevera que

Os escravos também não enfrentaram os senhores somente através da força, individual ou coletiva. As revoltas, a formação de quilombos e sua defesa, a violência pessoal, conviveram com estratégias ou tecnologias pacíficas de resistência. Os escravos rompiam a dominação cotidiana por meio de pequenos atos de desobediência, manipulação pessoal e autonomia cultural. A própria acomodação escrava tinha um teor sempre ambíguo.

Corroborando com essa ideia, Mattos (2012, p. 121), afirma que “os escravos reagiam de diferentes maneiras diante da violência e da opressão provocadas pelo sistema escravista”. E complementa atestando que “da mesma forma que provocavam fugas e revoltas, aproveitavam a existência de pequenos espaços para a negociação (...) para alcançar a liberdade” (2012, p. 122).

Portanto, da mesma maneira que articulavam fugas e revoltas, os escravizados, por outro lado, usufruíram da existência de limitados espaços para a negociação. Esses espaços de negociação conquistados mostravam aos senhores a exigência de autonomia para o bom funcionamento do sistema escravista como a brecha camponesa e um dia de descanso por semana (REIS e Silva, 1989). Entretanto, esses espaços de negociações “eram situações de exceção, via de regra os conflitos entre escravos e senhores, quando não explícitos, estavam sempre latentes” (LEITE, 2017, p. 68).

SOBRE HISTÓRIAS EM QUADRINHO E O ENSINO DE HISTÓRIA

As histórias em quadrinhos no ensino de História têm ocupado um espaço importante nos debates sobre aprendizagem histórica. Elas aparecem como recurso narrativo gráfico interligando imagens e textos didáticos para desenvolvimento de diversas temáticas e conteúdos disciplinares e/ou interdisciplinares. Vergueiro (2006, p.26) destaca este aspecto ao mostrar que as HQs

tanto podem ser utilizadas para introduzir um tema que será depois desenvolvido por outros meios, para aprofundar um conceito já apresentado,

para gerar uma discussão a respeito de um assunto, para ilustrar uma ideia, como uma forma lúdica para tratamento de um tema árido ou como contraposição ao enfoque dado por outro meio de comunicação.

Esse autor, analisando as vantagens do uso das HQs, ainda preconiza a necessidade de “buscar a integração dos quadrinhos a outras produções das indústrias editorial, televisiva, radiofônica, cinematográfica etc., tratando todos como formas complementares” (2006, p. 27), assim como as narrativas históricas, presentes no ensino de História, sobre o tema abordado nas narrativas gráficas. Concordamos que a interatividade entre as HQs e outros artefatos da cultura histórica, ampliam “desenvolvimento da compreensão da narrativa histórica mediante a narrativa gráfica e a aquisição de habilidades na assimilação de noções e conceitos próprios da História” (VARELA, 2018, p. 157).

Túlio Vilela, em *Os quadrinhos na aula de História* (2006), discorre sobre as diversas possibilidades e enfoques que as HQs podem ter no ensino de História. Para esse pesquisador, é possível utilizar as histórias em quadrinhos para a difusão do conhecimento histórico produzido pela academia; como suporte de um conteúdo; para lecionar o conceito de tempo e suas dimensões: sucessão, duração e simultaneidade; para ilustrar ou fornecer uma ideia de aspectos da vida social de comunidades do passado; para serem lidos e estudados como registros da época em que foram produzidos.

Respaldo em Vilela, Varela reitera ao salientar

que a utilização de HQs em atividades de sala de aula, como suporte da memória social e da produção cultural, configura em uma apropriação de eventos históricos, relações sociais e personagens históricos para explicar o passado. Dessa forma, a narrativa gráfica e arte sequencial expressam frequentemente os campos do imaginário, das representações e dos aspectos políticos e sociais de uma dada sociedade (2018, p. 157-158).

Notamos aqui, uma relação latente entre histórias em quadrinhos e aprendizagem histórica, pois o conhecimento histórico, a noção de tempo, o passado e sua relação com o presente, constitui uma particularidade das HQs cujo enredo evidencia uma representação do passado ou está situado em algum lugar do passado. Posto que, como afirma Jörn Rüsen (2012), a aprendizagem histórica apenas é aprendizagem quando ela é capaz de transformar, renovar e mudar os padrões de interpretação do passado, o que pressupõe um processo de internalização dialógica e não passiva do conhecimento histórico.

De acordo com Rüsen (2012), “as experiências históricas devem ser de tal forma apresentada, que causem uma identificação como envolvimento dos alunos. Esse envolvimento ocorre a partir da divergência entre diferentes pontos de vistas”. Dessa forma, o contato dos alunos com as HQs *Cumbe* (2018) e *Angola Janga: uma história de Palmares* (2017) e o contexto histórico, apresentado no livro didático e em outros artefatos da cultura histórica, proporcionam a construção do conhecimento histórico e a compreensão da conjuntura social e política.

É, portanto, nessa perceptiva, que o uso das HQs *Cumbe* (2018) e *Angola Janga: uma história de Palmares* (2017) precisa estar alicerçada. Perceber essas experiências históricas através da narrativa gráfica é apossar-se das diferentes linguagens e conhecimentos sobre significantes e significados do passado apreciado, dado que os conceitos são construídos historicamente. Assim, essas narrativas gráficas podem ser entendidas como um ato comunicativo de formar sentido acerca da experiência temporal, ou seja, do passado vivido, mas não o único, por isso a necessidade de divergência entre diversos pontos de vista. E, portanto, qual narrativa sobre a resistência negra contra a escravidão está presente nas HQs em análise?

A resistência negra nas HQS “*Cumbe*” e “*Angola Janga: uma história de palmares*”

A partir de agora, a resistência negra presente nas narrativas gráficas *Cumbe* (2018) e *Angola Janga: uma história de Palmares* (2017) é o objeto de análise para refletirmos sobre as experiências peculiares dos escravizados no contexto histórico da colonização lusitana na América, temporalidade entre os séculos XVI e XVII, compreendida no período da história do Brasil colonial. Até o momento, essas histórias em quadrinhos já foram traduzidas em diversos idiomas.

Essas HQs, alicerçadas por fontes históricas, foram roteirizadas e ilustradas por Marcelo D’Salete, graduado em Artes Plásticas e Mestre em História da Arte pela USP. Publicadas pela editora Veneta, são resultados de um processo de pesquisa de 11 anos. Nesse ínterim, o professor e quadrinista examinou e estudou vários documentos, em textos, imagens e mapas, existentes por exemplo, no Museu Afro Brasil, em São Paulo, Memorial de Palmares, em Alagoas - além de estudos acadêmicos.

Em *Cumbe* (2018), ficção inserida em realidade histórica (ficção-histórica), publicada pela primeira vez em 2014, nas 192 páginas, D’Salete narra por meio de imagens sequencias e uma estrutura narrativa a luta de negros e negras na América

portuguesa contra a escravidão no período colonial da história do Brasil. O livro traz em quatro histórias em quadrinhos - Calunga, Sumidouro, Cumbe e Malungo – protagonizadas por escravizados, mostrando a resistência negra contra a violência cotidiana física e simbólica. Cumbe, vocabulário banto que dá nome a HQs, é uma palavra polissêmica. “É um termo de origem quimbundo, significa luz, sol e força” (D’SALETE, 2018), maneira de compreender a vida e o mundo.

As experiências e expectativas dos escravizados presentes em *Cumbe* (2018) ampliam as possibilidades de leitura sobre o passado, sempre enfatizando a esperança e a resistência contra todo tipo de violência. Na primeira história, Calunga, um casal de apaixonados Nana e Valu, divide-se entre o sonho da fuga e a preferência de ficar no conhecido, demonstrando as inquietudes e medos intrínsecos de uma sociedade marcada pela agressividade e crueldade (Figura 1).



20

Figura 1 - Nana e Valu. Ficar e fugir.
Fonte: D’ Salete, Marcelo. *Cumbe*. 2ª ed. São Paulo: Veneta, 2018.

Nessa sequência gráfica, inferimos que a relação entre senhores e escravos era fundamentada na dominação pessoal e estava determinada principalmente pela coação direta e indireta. Podemos observar, ainda, aspectos essenciais para manutenção da escravidão como os castigos físicos e a exploração sofridas por Valu, e o medo expresso por Nana. Além disso, depreendemos que o trabalho escravo não esteve ligado apenas à dinâmica do engenho, mas também às diversas atividades na casa grande.

É oportuno salientar, que as situações em que se vivencia no presente e, nesse, o lugar ocupado por pessoas ou grupos, podem ser propícios a algumas experiências em detrimento de outras, ora por limitações físicas e sociais, ora por limitações conjunturais e históricas. Assim, a fuga para Valu representa a descontinuidade do passado no presente e as projeções para o futuro, ainda que se apresente rompimentos com o passado. Enquanto para Nana, continuidade.

Mas mesmo sob o cativo, os escravos criaram condições sociais específicas: relações de amizade, solidariedade e amor. Não eram passivos cuja a obediência podia ser garantida através somente da violência física. Os dramas em *Cumbe* (2018) apresentam personagens em contextos perpassados ou mergulhados em situações verossímeis com a realidade vivida à época, pois a invenção de diálogos e personagens são importantes auxiliares na construção do significado e da experiência histórica da escravidão.

Nas quatro histórias de *Cumbe* (2018), a presença de poucos textos, característica importante e marcante dessa HQ, é um exemplo de construção, opção proposital do autor, de uma narrativa que enfatiza um ambiente opressivo e silencioso. Entretanto, permeado por “espaços de experiências” e “horizontes de expectativas” que encorajavam a resistência, encontrando espaços para encerrar todas as histórias de forma poética e até esperançosa.

Também classificada como ficção inserida em realidade histórica (ficção-histórica), *Angola Janga: uma história de Palmares* (2017), em 432 páginas, apresenta uma nova perspectiva sobre a resistência negra de Palmares nos quadrinhos. E segundo o autor, “não é ‘a’ história. Mas ‘uma’ história de Palmares. Uma possibilidade de interpretar e reimaginar fatos” (D’SALETE, 2017). Divididas em 11 capítulos, cada um deles se inicia com excertos de fontes primárias e/ou secundárias, como um trecho do Governador de Pernambuco Francisco de Brito Freire, década de 1660; um fragmento de uma crônica de 18 de junho de 1678; uma Petição do rei dos Palmares, Ganga Zumba de 1678; e das obras de Clóvis Moura, Décio Freitas.

Nessa narrativa gráfica, D'Salete retrata as relações entre os negros aquilombados e assenzalados, entre os diversos mocambos que formam Angola Janga - pequena Angola em língua kimbundu - e a cercania da época, conduzindo a narrativa a partir do olhar dos palmaristas, evidenciando o fato que Palmares não ficava isolado do mundo colonial. Essa história, respaldada em fontes históricas como dito antes, ainda que disputáveis atualmente, é um retrato de Palmares sem idealização, uma amálgama de ficção e realidade para narrar a história de Zumbi e de outras personagens daquele contexto, como Antônio Soares, Ganga Zumba e Ganga Zona.

Marcelo D'Salete procurou uma narrativa sobre Quilombo dos Palmares a partir de experiências, consciência temporal do passado, e das perspectivas da população negra, orientado para o futuro, dando uma narrativa gráfica aos acontecimentos referentes aos fatos registrados e presentes em documentos e fontes históricas sobre Palmares, esse famoso mocambo.

Como observa-se na figura 2, Zona, portando uma escultura de Chibinda Ilunga, enviado de Ganga Zumba, encontra-se com o governador para selar um acordo de paz. Nessa narrativa visual, acompanhando o sentido da leitura, nos deparamos com requadro usado para dá voz a Zona, o que evidencia o destaque narrativo e simbólico dessa sequência. Sabemos que, quatro meses depois, Ganga Zumba, foi pessoalmente selar o tratado de paz. Os termos desse tratado, segundo Rufino (1985) exigia a liberdade dos nascidos em Palmares, terra para os que aceitassem a paz e o comércio entre os negros e os povoados vizinhos.



Figura 2 – Acordo de paz entre o Governador e Ganga Zumba.

Fonte: D' Salette, Marcelo. **Angola Janga**: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017.

Na sequência acima, Zona, mesmo na condição de escravo fugido, negocia espaços de autonomia, subvertendo a história embranquecida e passividade do negro diante da escravidão. É nítido, a intencionalidade de Marcelo D'Salette, de retratar a condição de humano do escravizado e o desejo de decidir sobre si e seu entorno, portanto, negando a coisificação do ser. Visto que, como salienta Reis e Gomes (2012, p. 9), “onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos. Mesmo sob ameaça de chicote, o escravo negociava espaços de autonomia”.

Portanto, as Histórias em Quadrinhos entendida como ficção inserida em realidade histórica (ficção-histórica) nos ajudam, enquanto docente, a amenizar a impossibilidade de “conhecer realmente o passado”, construindo um passado em imagens e textos, ao mesmo tempo que cria uma relação e acrescenta algo à narrativa histórica da qual deriva e ao qual, inevitavelmente se refere. Dessa maneira, mais do que tentar adaptar o discurso

historiográfico, *Angola Janga: uma história de Palmares* (2017) ilustra significados que dizem respeito à importância das experiências temporais através da narrativa de fatos históricos.

Nesse sentido, tanto em *Cumbe* (2018) quanto em *Angola Janga: uma história de Palmares* (2017), os costumes, os dialetos e os símbolos ancestrais existentes na cultura africana são bem representados. Nas figuras abaixo, encontramos dois símbolos relevantes para narrativa gráfica.

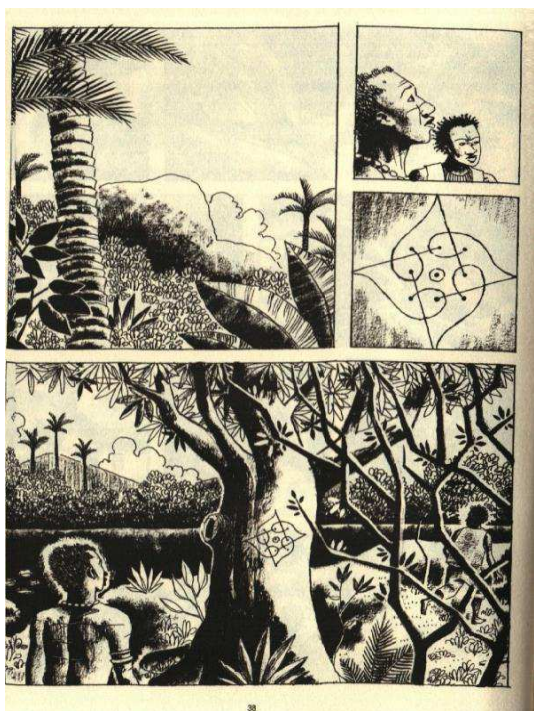


Figura 3 - Sona e fuga Soares e Osenga



Figura 4 - Dara e Tata

Fonte: D' Salette, Marcelo. **Angola Janga**: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017.

Na figura 3, nos quadros 3 e 4, em plano geral, a *Sona*³ assume um papel importante na narrativa, destacando-se na fuga (iniciação) de Soares e Osenga para o quilombo. Já na figura 4, a *Ananse Ntontan*⁴ encerra a sequência narrativa entre Dara,

³ “Sona é um conjunto de símbolos de origem tchokwe, povo que habita o nordeste de Angola e as regiões próximas da República Democrática do Congo e Zâmbia. Esses desenhos são formados por pontos e linhas sinuosas realizadas na areia e acompanhadas por narrativas orais. Fazem parte dos rituais de iniciação dos rapazes. Este desenho representa um local na floresta onde abundam frutos e animais. O contador, ao desenhar, diz: do mato sai a perdiz, perseguida pelo mukhondo, sai a palanca perseguida pelo leão e sai a mulher perseguida pelo homem”. Fonte: D’ Salette, Marcelo. **Angola Janga**: uma história de Palmares. São Paulo: Veneta, 2017. p. 418.

⁴ “Ananse Ntontan. A teia de aranha. Símbolo Adinkra da sabedoria, esperteza, criatividade e da complexidade da vida, diz Elisa Larkin e Luiz Carlos. Adinkra é um conjunto complexo de antigos símbolos gráficos de origem Assante (Gana). São usados em tecidos, pesos de ouro, peças de madeira etc. Cada

uma criança palmarista, e Tata, um ancião e símbolo de sabedoria, explicando que “a teia pode ser proteção e ataque” usando com analogia sobre a mata “ser casa, proteção e armadilha”.

Assim, deparamos nessa leitura imagética das HQs, com vestígios do passado e marcas gráficas estimadas pelo universo banto. E também como situações de mistérios, tradição e cosmovisão africanos. “Para isso a ficção tem um papel significativo. E a partir dela que podemos transpor muros e acessar, pela poesia e arte, aqueles homens e mulheres” (D’SALETE, 2017, p. 419).

Por último, é essencial destacar o material anexado no final de *Angola Janga: uma história de Palmares* (2017) acerca da história de Palmares e da cultura tecida nos mocambos: mapas da Capitania Geral de Pernambuco, Palmares, vilas e mocambos e dos principais quilombos e regiões quilombolas na América portuguesa nos séculos XVII ao XIX; cronologia da guerra contra os palmaristas; estimativas de embarque e desembarque de escravizados africanos; e, um glossário com alguns termos apresentados por D’Salete ao longo da HQ.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre história e história em quadrinhos aponta para a possibilidade de contribuírem para compreensão do passado histórico, das experiências do tempo e das temporalidades. O diálogo das narrativas gráficas que apresentam uma representação do passado com a produção historiográfica é, em primeira instância, uma operação de recorte de texto com a história, na medida em que esta, em alguns discursos, é uma narrativa histórica.

Nesse artigo, procuramos elucidar, ainda que em momentos distintos, que a interação entre discurso historiográfico e HQs no ensino de História não reside apenas nas condições de produção da narrativa, mas na relação externa com as fontes históricas, já que as narrativas gráficas são também uma das formas de construção de sentido da experiência e do conhecimento histórico.

Assim, para concluir, no que tange à resistência negra contra a escravidão, nas histórias em quadrinhos analisadas, deparamos tanto com forma individual quanto a coletiva de contenda. Sem ignorar a opressão e a violência como características fundamentais do período, enfatizamos as experiências e expectativas dos escravizados presentes, os costumes, os dialetos e os símbolos ancestrais existentes na cultura africana nas HQS como possibilidades de ampliar a leitura sobre o passado, importante para a aprendizagem histórica, sempre enfatizando a esperança e a resistência contra todo tipo de violência.

FONTE

D' Salete, Marcelo. **Angola Janga: uma história de Palmares**. São Paulo: Veneta, 2017.

D' Salete, Marcelo. **Cumbe**. 2ª ed. São Paulo: Veneta, 2018.

BIBLIOGRAFIA

CHALHOUB, S.; SILVA, F. Sujeitos no imaginário acadêmico: escravos e trabalhadores na historiografia brasileira desde os anos 1980. **Cadernos AEL**. Campinas, vol. 14, n. 26, 2009. Disponível em: <<https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/ael/article/view/2558>>. Acesso em: 13 jul. 2019.

CORREA, Silvio M. de Souza. **O negro e a historiografia brasileira**. Revista *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 1, 2000. p. 87-106.

FRONZA, Marcelo. **A intersubjetividade e a verdade na aprendizagem histórica de jovens estudantes a partir das histórias em quadrinhos**. Curitiba: 2012. Tese de Doutorado em Educação – UFPR.

_____. **O significado das histórias em quadrinhos na Educação Histórica dos jovens que estudam no Ensino Médio**. Curitiba: 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFPR.

LEITE, M. Tráfico atlântico, escravidão e resistência no Brasil. **Sankofa (São Paulo)**, v. 10, n. 19, p. 64-82, 18 ago. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/137196/132982>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

MARÇAL, Maria Antônia. “Professor, (...) não gosto da história de negros, eu tenho dó”. **Revista África e Africanidades**. Ano 1, nº 4. Fevereiro de 2009. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/Professor_eu_ao_gosto_das_historias_de_negros_tenho_do.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2012.

REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos Gomes. **Liberdade por um fio** – história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

REIS, João José, SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Claro Enigma, 1989.

RÜSEN, J. **História viva**: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2007.

SANTOS, Marlene Pereira dos. A população negra no Ceará e sua cultura. **Revista África e Africanidades**. Ano 3, nº11. Novembro de 2010. Disponível em: <http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_01.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2019.

VILELA, Túlio. Os quadrinhos no ensino de História. In: IN: RAMA, Ângela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VARELA, Cícero Soares. Ensino de História, HQ e cangaço: usos e possibilidades em sala de aula da HQ Lampião em quadrinhos, de Ruben Wanderley Filho. IN: **X Semana Nacional de História CFP/UFCG**: Fazer/Ensinar história(s): Possibilidades e desafios da diversidade cultural. Anais eletrônico. Cajazeiras-PB, setembro de 2018. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/4d02a6_6c8267df297344ee970bdb5c3826af8c.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2019.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. IN: RAMA, Ângela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2006.

UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: PET-HISTÓRIA E O ENEM.

Fernanda Borges de Brito

Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG-Campus I) e
membro do Programa de Educação Tutorial do curso de História (PET-História).

fernandaborgesgpb@gmail.com

RESUMO

O ensino nos anos finais das escolas, atualmente, traz para os alunos uma ideia voltada, em grande medida, para a preparação para o ENEM, dessa forma, tendo o intuito de enxergar o aluno como alguém que pode também refletir sobre os conteúdos e não apenas